

● RESENHA

LITERATURA E ANIMALIDADE, DE MARIA ESTHER MACIEL

Diego Gomes do Valle*

■ **E**m seu célebre *Mensagem*, Fernando Pessoa alaba o heroísmo insano de Dom Sebastião nos versos arquiconhecidos, saídos de um eu-lírico que é o próprio Rei:

*Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?* (PESSOA, 1980, p. 51).

Deixando de lado as implicações históricas, místicas, messiânicas etc., prestemos a atenção somente no termo comparativo que Pessoa utiliza para distinguir o Homem da *besta sadia*, equivalente de um *cadáver adiado que procria*: a loucura. Eis, para dizer pouco, uma equação ambígua, posto que, se por um lado o ser humano, potencialmente, está sobejamente para além dos animais, por outro, o traço humano distintivo seria o inverso da racionalidade, ou pelo menos a suspensão dela. Nesse sentido, o louco não é, como acusa Foucault em sua *História da loucura*, o Outro que define, por exclusão, o Eu logocêntrico ocidental. Contudo, os animais seguem sendo, como diz Derrida, “mais outros que qualquer outro”. O livro ora resenhado trata especialmente dessa questão.

Literatura e animalidade, de Maria Esther Maciel, professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), enfrenta esse cada vez mais importante assunto desde vários prismas possíveis, buscando desvelar o “animal escrito” em tempos tidos como de “pós-humanismo”¹. Nesse sentido, compreender as relações possíveis com a animalidade acaba por relativizar e desconstruir o lugar

* Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, PR, Brasil. E-mail: diegouab@gmail.com

¹ Uma obra que está no centro de todas as discussões propostas neste livro é *O rinoceronte*, de Eugène Ionesco. A título de exemplo, note-se um trecho emblemático: “Jean: O homem... Não diga mais essa palavra! Bérenger: Eu me referia ao ser humano, à humanidade... Jean: O humanismo caducou! Você é um sentimentalão ridículo!” (IONESCO, 2015, p. 83).

canônico atribuído ao *homo sapiens*. Para tal abordagem, a autora lança mão de bases bibliográficas de origem diversa: da filosofia (Montaigne, Derrida, Agamben, Foucault e Bataille), da literatura (Machado, Wilson Bueno, Borges, Drummond, Coetzee, Rosa, Clarice etc.) ou mesmo de um pensador francês contemporâneo vinculado à etologia: Dominique Lestel, o qual aparece na segunda parte do livro em uma rica entrevista feita pela autora.

O livro é dividido em quatro partes mais o anexo supracitado. Uma introdução genérica ao tema abre o volume, semeando tópicos que os capítulos posteriores desenvolvem e outros que, em específico, pesquisadores futuros podem fazê-lo. O primeiro capítulo, “Pensar o animal”, traz um rastreamento historiográfico do pensamento ocidental a respeito da animalidade. Com um olhar penetrante e sagaz, o tom ensaístico do livro, a começar por este capítulo, é construído, ao que me parece, a partir das proposições derridadianas, presentes especialmente em *O animal que logo sou* (2002), pois mesmo o recuo no tempo, ao analisar os ensaios de Montaigne a respeito do assunto, é feito de maneira que a complexidade do animal torne tênue o limiar com a humanidade:

Derrida não apenas confronta a assertiva de Heidegger segundo a qual “o animal é pobre de mundo”, pelo fato de ser privado de lógos, mas realiza, a partir desse confronto, um apurado processo de desconstrução do humanismo logocêntrico do Ocidente (MACIEL, 2016, p. 38).

Desse modo, implicitamente fica defendido o pós-humanismo como a forma pensamental por meio da qual as relações entre ficção, zoopolítica e bioética são postas em discussão, a qual se mostra emergente e emergencial.

Faltou neste primeiro capítulo uma abordagem de como o *spoudaios* aristotélico se constituiu na cultura helênica enquanto ideal do Homem ocidental, tal como vemos amplamente percorrido na *Paideia*, de Werner Jaeger, por exemplo. Do mesmo modo, as “almas” aristotélicas (vegetal, animal e racional) não aparecem comentadas. Aponto esta questão porque, *mutatis mutandis*, essa “formação do homem grego” (subtítulo do livro de Jaeger) afetará significativamente a concepção cristã do ser humano, desde a Patrística até a Escolástica, culminando no pensamento de São Tomás de Aquino, que definirá ontologicamente o homem entre os animais e os anjos. Note-se que o Doutor Angélico recebe esse epíteto justamente por sua infalibilidade intelectual.

O segundo capítulo, “Narrativas da animalidade”, traz exemplos analisados de obras de ficção que ampliam as possibilidades animais, as modalidades de apreensão ou de opacidade de tal assimilação diante da complexidade que se evidencia na outridade animal. Trata-se de, por meio dos mundos possíveis da ficção, esses autores darem voz a animais singulares, coletivos ou comunidades híbridas, e em tal voz o comportamento animal (o *ethos* animal) vai se redimensionando; *ipso facto*, a base humanista antropocêntrica ocidental também o vai.

Nesse sentido, o sul-africano J. M. Coetzee é amplamente investigado por Maciel, pois sua obra resulta em uma variada gama de temas zoopolíticos, nos quais uma bioética animal se mostra urgente. O romance *A vida dos animais* é compulsado pela autora de maneira exemplar, e o trecho a seguir dá uma mostra de como a trama romanesca de Elizabeth Costello nos obriga a sairmos da ficção (universo estético) relativizando o real (universo ético):

Para ela [Costello], a recusa de se imaginar no corpo do outro, na vida do outro, é a base de muitos atos de crueldade. A alegação de que a linguagem e o pensamento são imprescindíveis para que a subjetividade se constitua enquanto tal é, sob esse prisma, algo inaceitável (MACIEL, 2016, p. 65).

Embora o argumento da personagem não evidencie (e nem teria obrigação de fazê-lo) um nexo de necessidade entre a recusa aludida e a crueldade humana, não resta dúvida quanto ao poder persuasivo de uma posição ideológica como essa, tão coerentemente construída nesse ente de ficção.

Em terras brasileiras, Guimarães Rosa ganha vulto no livro de Maciel, tendo sua obra analisada de maneira genérica e sem a mesma minúcia dispensada a Coetzee; mas nem por isso menos elucidativas e produtivas são as proposições da pesquisadora:

A Guimarães Rosa não interessava apenas escrever sobre os animais, convertê-los em simples construtos literários, mas também procurou abordá-los como sujeitos dotados de sensibilidade, inteligência e conhecimentos sobre o mundo. Seu olhar sobre a outridade animal, como atestam inúmeras narrativas de sua autoria, está atravessado por um compromisso ético e afetivo com esses viventes. E é nesse sentido que ele pode ser considerado o maior animalista brasileiro do século 20 (MACIEL, 2016, p. 69).

Maciel dá espaço maior, dentro da ficção rosiana, ao conto “Meu tio o Iauaretê”, em que um onceiro assimila o comportamento do animal perseguido e se tornando, no dizer de Deleuze e Guattari (2011), um exemplo perfeito do “devir-animal” frente às fronteiras ontológicas. Aqueles animais do sertão que tornam o viver “muito perigoso” não são explorados em sua potência violenta e aterradora, mas poderiam ter sido à luz do que Lestel, na entrevista anexa, comenta a respeito da interação com os animais: “Todo animal é um sujeito [...] alguns são indivíduos (sujeitos singulares) e que certos animais podem tornar-se pessoas em suas interações com o humano” (MACIEL, 2016, p. 139).

Machado de Assis é apresentado pela autora como um “pós-humanista”, uma vez que, nos contos “Conto alexandrino” e “Ideias de canário” e na figura de Quincas Borba (cão e homem), o Bruxo do Cosme Velho relativiza os limites da linguagem humana para tratar dos animais. Semelhantemente, Graciliano Ramos é lembrado por sua Baleia e o drama da família de Fabiano. Já o paranaense Wilson Bueno, ao modo dos seres fantásticos de Jorge Luis Borges, representa a linhagem das zoocoleções. O que essas narrativas da animalidade provocam no leitor é

A compaixão [que] entra, nesse contexto, como um gesto de compartilhar do sofrimento entre os viventes, de romper “a negação organizada dessa tortura”, dessa guerra sem idade (MACIEL, 2016, p. 52).

Ou seja, o animal escrito provoca em nós essa abertura ética para com os viventes em geral, partilhando a existência nesse sentido mais profundo.

No último capítulo, “Animais poéticos, poesia animal”, o gênero aludido no título é o recorte analítico. A seção se justifica na medida em que, endossando Derrida, a autora sustenta que o pensamento animal, enquanto possibilidade, só pode ser poético, e que tal constatação iluminaria os limites e evidenciaria as

falhas de certo modo humanista de se filosofar, franqueando peremptoriamente os limites entre humanidade e animalidade:

Tal suposição (ou tese) traz à luz os equívocos de uma certa filosofia que, sob a égide exclusiva do logos e a partir da relação opositiva entre o humano e o inumano, se empenhou em converter o animal (tomado como conceito genérico) em teorema, em categoria abstrata (MACIEL, 2016, p. 99).

Como corolário à crítica acima, é mister que os animais sejam concebidos, mesmo que, a princípio, nos limites da poesia, de maneira mais complexa, com a possibilidade de não ser possível que tal complexidade seja desvelada. Ou seja, o animal seria um sujeito, na acepção plena do termo:

Admitir o animal como sujeito é também reconhecer que ele é dotado de saberes sobre o mundo, haja vista a inquietante complexidade da existência dos viventes não-humanos (MACIEL, 2016, p. 120).

Nesse gesto, que se origina na poesia, a noção de sujeito é reavaliada em seus elementos constituintes, possibilitando a inclusão dos animais na comunidade dos viventes. Aliás, esse é o parecer de Lestel, que, em sua entrevista, argumenta nestes termos:

Os animais são, ao contrário, “sujeitos” que interpretam sentidos. Um animal, seja qual for, interpreta o mundo em que vive, interpreta o que os outros fazem e o que são, além de interpretar a si mesmo (MACIEL, 2016, p. 134).

David Foster Wallace, no ensaio “Falemos de lagostas”, está trabalhando como correspondente de uma revista gastronômica em um importante festival de lagostas. Após apresentar minuciosamente os elementos que compõem a festa, gradualmente o autor vai humanizando, pela via mais dolorida, o sofrimento dos crustáceos:

A verdade é que se, comparecendo ao festival, o sujeito se permitir cogitar que as lagostas podem sofrer e que prefeririam que isso não acontecesse, o FLM [abreviação do nome do festival] começa a ficar parecido com um circo romano ou um festival de torturas medievais (WALLACE, 2012, p. 260).

Ou seja, cabe ao humano presumir em benefício ou em detrimento do desconhecido. E dirá o “boi-lírico” de Drummond, em “Um boi vê os homens”: “e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade” (ANDRADE, 1967, p. 238).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Obra completa em um volume*. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011.
- IONESCO, E. *O rinoceronte*: peça em 3 atos e 4 quadros. Tradução Luís de Lima. Prefácio Zora Seljan. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- MACIEL, M. E. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PESSOA, F. *O eu profundo e os outros eus*: seleção poética. Seleção e nota editorial Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

WALLACE, D. F. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Tradução Daniel Galera e Daniel Pellizzari. Seleção e prefácio Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACIEL, Maria Esther.

Literatura e animalidade.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 174 p.